



Cat. 989

O mal em paga do bem

OU

Rosa e Lino de Alencar

Vou descrever uma scena
Que fez chamar attenção
Nella se vê a fineza
Que teve um bom coração
E como foi que se pagou
Fineza com ingratição.

O caso que vou narrar
Deu-se no Rio de Janeiro
Trata-se em dous corações
Um fino outro traiçoeiro
O que ninguem esperava
Num coração brasileiro.

Roza era uma creança
Filha de uma emgomadeira
Tinha dezecete annos,
Era boa costureira
Tanto que naquelle tempo
Era modista a primeira.

Magdalena sua mãe,
Trabalhava noite e dia
Emgommava para uns
E para outros cosia
Quasi não podia dar
Vencimento a freguezia.

Roza tinha um genio docil
Era muito caridosa
Com esta idade tão tenra
Era muito caprichosa
Andava decentemente
Mas não era vaidosa.

Era no anno de mil
Oito centos e cincoenta
Aos dose dias de abril,
Roza ao terraço se senta
Olhava de uma janella
Uma nuvem esbraquecenta.

Convidou a Magdalena
Para irem passear
Disendo a tarde está bella
Faz cubiça a gente andar
O dia é santificado
Não tenho em que me occupar.

Sahiram Roza e a mãe,
Roza hia tão distrahida

Como quem ia pensando,
Qualquer passado da vida
Entraram num restaurante
De uma sua conhecida.

Se entreteram com converças
Em momentos casuaes
Iam regressando a casa
Passando a Leira de um caes
Ouviram grandes gemidos
Suspiros que eram de mais.

Roza foi ver o que era
Viu um rapaz estendido
Inda com o punhal no peito
A beira do caes cahido,
Era Lino de Alencar
Que estava no chão ferido.

O Lino de Alencar era
De uma familia illustrada
Mas que cahiu em pobresa
Que já não tinha mais nada
Estava quasi morto alli
Com uma grande punhalada.

Minha mãe! exclamou Roza
Olhe um homem aqui cahido
È dôr que sente o senhor?
Respondeu Lino abatido:

Não senhora um assassino
Cravou-me estou concluído.

Roza ahi se aproximando
Viu elle em sangue banhado
Cahido sobre uma pedra
Já bastante desmaiado
Ella arrancou-lhe o punhal
Que nelle tinha ficado.

Roza deitou-o na perna
E a mãe foi chamar gente
Compouco chegou a policia
E medico para o doente,
Disse Lino: no hospital
Me acabarei sertamente.

Lino olhando para Roza
Lhe disse muito obrigado!
Sinto não poder pagar
Um favor tão bem prestado,
Sou um pobre até de vida
O ente mais desgraçado.

Rogo-lhe antes da morte
Deixe beijar sua mão
Lhe offereço em recompensa
Meu humilde coração
É apenas o que me resta
Nesse mundo afflicção

Roza olhando para elle
Teve tanta compaixão,
Parece que nessa hora
Sentiu uma comoção
Lhe disse: eu trato de ti,
Serás tu um meu irmão.

E ordenou que o levassem
Para a sua residência,
Disse eu tratarei delle
Terei toda a paciencia,
Se elle não me agradecer
Deus dará lhe a providencia

Então levou-o a policia
Deixou-o em casa de Rosa
Magdalena tratou d'elle
Como uma mãe carinhosa
Elle dizia comsigo
Oh! que enfermeira ditosa.

Roza pagou ao medico
Que lhe fez o tratamento
Nada alli faltava a elle
Roupa, remedio, alimento,
Estava sempre ao pé do leito
Em todo o seu sofrimento.

Sessenta dias depois
Disse o medico: pode andar,

Em si não ha mais perigo
Já pode até trabalhar:
Você foi muito feliz,
Deste perigo escapar.

Lino chamou Roza e disse:
Estou bom, e quero sahir
Vou cuidar da minha vida
Se não morrer hei de vir,
O bem que a senhora fez-me
Me lembro emquanto existir.

Pois só uma mãe a um filho
Que tivesse muito amor
Faria o que você fez-me,
Disse Rosa: não senhor,
Eu faria a qualquer um
Que precisasse favor.

Quando precisar de mim
Estou pronta para o servir
Isto é doutrina de Deus,
E devemos conseguir
Um ente sem caridade
Não vale apena existir.

Elle ahi abraçou Roza,
Tomou benção a mãe d'ella,
Partiu banhado de prantos
Roza olhou de uma janella

Exclamou ho! pobre rapaz!
Que sorte cruel aquella.

Lino disse comsigo
Se um dia me empregar
Farei um presente a Roza
Custe agora o que custar
Porque se não fosse ella
Eu não podia escapar.

Empregou-se em Nitheioy
Lá fez grande economia
Gastava n'uma semana
O ordenado de um dia,
Nunca deichou de pensar
Que offerta a Rosa faria.

Roza no costume antigo
Cada vez mais trabalhando
Magdalena sua mãe
De dia e noite engommando,
Viviam independentes
Honestamente passando.

Já tres annos decorriam,
Nem Lino era mais lembrado
Um corrector de café,
Homem serio e arrumado
Viu Roza por duas vezes
Ficou d'ella apaixonado.

Rosa com a pouca idade
Tinha immensa formosura
Era alva e bem corada
Gorda e de boa estatura
Era custoso de achar
Em outra tanta candura.

Dirigiu-se o corrector
A casa que ella ~~o~~ prava
Pedi consentimento
Para fallar-lhe o que pensava,
Disse ella que a mãe della
Era quem deliberava.

Fallou elle a Magdalena
Disse-lhe o que pretendia
Ella tambem respondeu
Que por ella se fazia,
Rosa respondeu a elle:
O senhor aguarde um dia.

É necessario eu pensar
É o senhor pensar tambem
Estas cousas são de risco
E grande precaução tem,
Arrependimento tarde
Nunca serviu a ninguem.

O senhor venha outro dia
É tempo que eu tenho pensado,

O senhor por sua vez
Tambem terá calculado
Pois sabe que o casamento
É um negocio arriscado.

No dia 4 de outubro
Lino andava passeiando
Ahi lembrou-se de Rosa,
E pô-se considerando
Disse: hoje eu vou ver Rosa
O tempo está se passando.

Partindo directamente
A's sete horas chegou
Rosa ficando contente
Muito alegre o abraçou,
Senhor Lino está empregado?
Magdalena perguntou.

Graças a Deus me empreguei
Creio que estou bem collocado
Já não vim cá amais tempo
Devido andar veixado,
Sou guarda-livro da casa
E sempre vivo occupado.

Estavam nessa conversa
Quando na porta bateram
Lino, Rosa, Magdalena,
Todos tres estremeceram.

Na porta de uma só vez
Todos trez compareceram.

Abriram a porta e viram
Que era um homem portador,
Rosa o interrogando:
O que deseja o senhor?
Diz este: eu trago uma carta
De Gustavo conector.

Lino quando viu a carta
Ficou logo impaciente
Se divulgava a mudança
Que elle tomou de repente
Perguntou baixinho a Rosa:
Você já tem pretendente?

Elle não amava a Rosa
Antes desta ocasião
Rosa lhe tinha amizade
Na qualidade de irmão,
Porém, cresceu-lhe de subito
Uma implacavel paixão.

Então respondeu-lhe a Rosa
Esta carta meu amigo!
É de um rapaz do comercio
Que quer casar-se comigo,
Disse Lino: esta resposta
Deixou-me a vida em perigo!

E que perigo pode ter
Sendo a carta para mim?
Respondeu Lino: eu lhe tenho
Um amor que não tem fim
Como talvez a senhora
Não me consagre outro assim.

E se não o conseguir
Amanhã me suicidoo
Quero jazer sobre a lage
Que assim serei bem servido,
Em a senhora salvar-me
Seu trabalho foi perdido,

Porem o senhor me ama
Desta forma que me diz?
Diz elle: eu com o seu amor
Me julgava tão feliz,
Mais do que se possuísse
Todos os bens do paiz.

Senhor Lino! respondeu Rosa:
O amor é conhecido
Em mais de dez qualidades
O amor é dividido,
O amor é um corpo eterno
Não pode ser destruido.

Por exemplo: eu amo a Deus,
Uma mãe a um filhinho

A pessoa simplesmente,
Ama as vezes um passarinho
Mas um amor como este
É a construção de um ninho.

Senhora! respondeu Lino:
Eu não lhe posso explicar
A primeira vez que a vi
Não podia bem fallar,
Quasi nas ancias da morte
Principiei a lhe amar.

Deus é testemunha disto
Conhece bem a verdade,
Elle nos vê e nos ouve
De lá da eternidade
Sabe se o que estou dizendo
Tem alguma falcidade.

O Snr. jura que ama-me?
Perguntou Rosa veixada
Eu juro: respondeu Lino
Pela hostia consagrada
Pelo calix da amargura
Por Maria Immaculada.

Juro pelas trez pessoas
Da santissima trindade
Dou Deus por meu fiador,
Em como fallo a verdade

Queres outra garantia
Melhor do que a divindade?

Digo aqui perante a Deus
Que serás minha esposa.
Disse Rosa: eu tambem juro
Ou serei tua ou da lousa
Salvo se Deus for servido
Que haja aqui qualquer cousa.

Foi ao quarto e de lá trouxe
Uma imagem do senhor
Disse a Lino: o senhor jure
Pela cruz do Redemptor
Que em quanto eu existir
O senhor me tem amor?

Lino se poz de joelhos
E pondo a mão sobre a cruz
Disse: eu juro amar a Rosa,
Juro em nome de Jesus
Deus será meu fiador
A escriptura é a luz.

Nisso deu-lhe uma vertigem
Rosa ficou assustada
Quando elle tornou em si
Rosa ainda perturbada
Disse a Lino: sua jura
Eu creio que será quebrada.

Perguntou : o que sentiu ?
Respondeu : não senti nada
Senti pela minha fronte
Passar uma mão gelada,
E por traz das minhas costas
Ouvi uma gargalhada.

Disse Lino : eu vou-me embora
Estou um pouco emcommodado
Se despedindo sabiu
Com o coração assustado,
Como que fosse algum crime
Que tivesse praticado.

Rosa e a mãe se deitaram.
Rosa dormindo sonhou
Que um negro gordo chegava
Com um livro lhe mostrou
Mostrando um crime de Lino
E a pena que elle pegou.

O livro era um livro tinto
Com o letreiro moderno,
Via-se na capa escrito
Codigo da lei do Eterno,
Em baixo em letras pequenas
Tinha arquivo do inferno.

Rosa queria gritar
Se vendo neste perigo

O negro disia a ella
Não se emcommode comigo
Não chore que é muito cedo
Quando for tempo lhe digo.

Tambem sonhou Magdalena
Que via Rosa chorando,
Lino com um punhal na mão
A vida lhe amarrando,
Dando-lhe fe. numa taça
Depois ficava zombando.

Lino tambem não dormia
Com sonhos horrorisados,
Que via um negro exquesito
Com dedos muito mirrados,
Escrever o nome d'elle
No livro dos desgraçados.

E assim ficou pensando
Este sonho em que daria,
Aquelle negro e o livro
O que lhe resultaria,
Ser illusão este sonho
Lino não se convencia.

Disse-lhe um dia o patrão :
Preciso que o senhor
Amanhã vá a S. Paulo,
Em casa de um devedor,

Liquidar as contas com elle
Seja porque forma for.

Lino antes de partir
Passou pela casa de Rosa,
Achou ella muito triste
Pallida e muito chorosa,
Então perguntou a ella
Porque anda descontentoza ?

Respondeu ella : não sei
Explicar esse motivo
Me deito porem não durmo,
Vou a meza e não me sirvo,
Já tive prazer na vida
Hoje vegeto e não vivo.

Sonhei esta madrugada
Que me cobria de lucto,
Passava o anno chorando
Sem me calar um minuto,
Tu matavas minha mãe
Com ameaço tão bruto.

No sonho eu chorava muito,
Tu negavas-me uma vela,
Eu ficava furiosa
E me abraçava com ella
Te assassinava tambem
Em paga da morte d'ella.

Depois sonhei que chegavam
Um juiz e um escrivão,
Achavam minha mãe morta
Reprovavam tua acção,
O Juiz te condenava
E me alcançava o perdão.

Depois sonhei que te via
Com uma enorme riqueza
Sensurando os miseraveis
Que não tiveram nobresa,
E tinhas nojo de mim
Devido a minha pobreza.

Lino perguntou a Roza
Sonho é realidade ?
Em sonhos crê quem é fraco
Sonho é variedade
O vivo as vezes não sonha
Que está na eternidade ?

Ainda a noite passada
Acordei espavorido
Sonhando que viajava
Em lugar desconhecido,
Achavava um grande thesouro
E me tornava homicido.

Disse Lino ; eu vou partir
A mandado do patrão,

Que me mandou a S. Paulo
A uma liquidação.
Meu baptisterio está lá
Trago logo a certidão.

Veja o que tem de arrumar
Para da nos aviamento,
Por minha parte estou pronto
Preparei nosso cosento
Eu volto segunda-feira,
Na terça é o casamento.

Lino chegando a S. Paulo
Fez logo liquidação,
Recebeu todo dinheiro
Que deviam ao seu patrão
À tarde foi á igreja
E tirou a certidão.

Hospedou se em um hotel
Onde hospedou-se um francez,
Tinha dous americanos
Um hespanhol, um inglez,
Trez alemães e dous russos,
Um egipcio e um inglez.

Eram dose jogadores
Estavam alli hospedados,
Todos homens de dinheiro
Capitalistas abastados,

Não se importava com perca
Ficavam sacrificados.

Todos conheciam Lino
E poseram-se a o chamar
Disse um russo oh! brasileiro!
Estais com medo de jogar?
Não és de um paiz tao rico
Não podes mais trabalhar?

Disse Lino estou doente
E mesmo eu sou empregado,
E' certo que tenho dinheiro
Mas não é meu: está provado
E' dinheiro do meu patrão
Se perder estou desgraçado.

Disse o francez: venha ao jogo
Se por acaso perder
Eu pago o seu prejuizo
Não tem mais o que temer,
Tanto quanto eu tenho aqui
Nem seu patrão ha de ter.

Lino aos rogos de todos,
Determinou-se a jogar
Então foi com tal fortuna
Que fez tudo admirar,
Todo o dinheiro da meza
Elle chegou a ganhar!

Para encurtar a historia
Quinhentos contos, ganhou
Passava da meia-noite
Quando o jogo se encerrou
Levou elle uma fortuna
Que tanto nunca esperou.

A uma hora da madrugada
Já elle estava deitado,
Cheio de mil pensamentos
Como quem estava assombrado
Olhando para o dinheiro
E ficava admirado.

Consultava elle a si mesmo
Se devia se casar,
Pensando em Roza ser pobre
Não podia socegar,
Pensava no juramento
Queria desesperar.

Depois acertou consigo
Que embora quebrasse a jura
Não casava mais com Roza
Que era pobre creatura
Se casando com uma rica
Faria melhor ventura.

Dias depois passeiando
Em casa de um fazendeiro,

Viu lá uma filha d'elle
Que tinha muito dinheiro,
Disse comsigo: é aquella
Que salva um aventureiro.

Pedindo-a em casamento
O commendador lhe a deu,
Inda até eram parentes
Lino foi que começou
Porem sem Lino contar
De tudo o que aconteceu.

A noite deitou-se cedo
Muito impressionado
Enterrogando a si mesmo
Não cumprir jura é pecado?
Eu jurei aos pés de Deus
Creio que fico atrapalhado.

Dormindo sonhou que via
Um portador do maldito,
Trasendo na mão esquerda
Um quadro do infinito,
Com o nome do inferno
Em letras de fogo escripto.

Então mostrava-lhe o quadro
Com uma vitima immolada,
Uma jovem muito triste
Junto da vitima assentada,

Escrepto nos labios d'ella
A Roza desventurada!

No mesmo sonho elle via
Passa uma nuvem escura
Da nuvem sahiu um'ave
Que ex. mava: oh! creatura!
Já se esque estes da noite
E então quebra o jura?

Despertou muito assustado
Com esta scena horrorosa
Disse comsigo: eu me perco
Por isso que faço a Roza
Ella me fez tanto bem
Como uma mãe carinhosa.

Deixemos Lino um instante
Vamos tratar sobre Roza,
Da forma que andava triste
Desconsolada e chorosa
Lhe annunciava o futuro
Uma scena dolorosa.

Magdalena mãe de Roza
Estava dormindo e sonhava
Que Lino ia a um abysmo
E neste abysmo enricava
Não casava mais com Rosa
E com desgosto a matava.

De manhã contou a Roza
Tudo que tinha sonhado,
Quando fallou um carteiro
De um trem que tinha chegado
Esse trasia uma carta,
Que Lino tinha mandado.

Lino mandava dizer
Rosa estou arrependido
De ter feito aquelle trato,
E de ter me compromettido
O trato está sem effeito
Vist eu ter-me resolvido.

Magdalena ao ler a carta
Desmaiou ficou prostrada,
Rosa mandou vêr um medico
Que não pode faser nada,
Desenganou-a dizendo:
Sua mãe está liquidada.

Passiencia, disse Roza,
Muito mais soffreu Jesus
Que vindo ao mundo das trevas
Trazendo aos cegos a luz,
Teve como recompensa
A cruel morte da cruz.

Perdi todo o meu futuro
Devido a um traidor,

Que jurou perante Deus
Me consagrar grande amor
Pediui fiança a Jesus
Dando Deus por fiador.

Assim que o medico sahiu
Roza foi cerrando a porta,
Voltando ao lado da mãe
Cnegou lá achou a morta,
Passiencia! exclamou ella
Vingar-me é o que em porta.

Olhou para a mãe, e disse:
Minha mãe cumpriste a sorte,
Morreste ainda tão cedo
Por um desgosto tão forte,
Eu juro por tuas cinzas
Inda vingar tua morte.

Fez o enterro da mãe
Depois tratou de estudar
Qual seria o melhor meio
Para ella se vingar,
Cheia de mil pensamentos
Nada podia acertar.

Já seis mezes se passavam
U na freguesa escreveu,
Mandando uma encommenda
Para um enxoval seu.

Mandava mais convidal-a
A assistir seu hymineu.

Então, disia na carta,
Creio que não á de faltar
Esperarei pela amiga.
Para assistir eu casar.
Note bem meu casa, ento
É com Lino d' Alencar.

Roza assim que leu a carta
Ficou quasi inanimada,
Ainda pensava mais
Como seria vingada,
Nesta noite não dormiu
Pensativa e encommodada:

Fez a roupa e foi levar
Mas com tempo anterior,
Chegando na capital
Foi com ella um portador
Então dirigiu-se ella
Á casa do commendador.

A moça gostava d'ella
Quandeo a viu entristeceu,
Então perguntou a Roza
Da Sra. quem morreu?
Disse Roza: estou de luto
Por mamã que falleceu

Morreu D. Magdalena?
A moça enterrogou-a
É morta, respondeu Roza,
Lino de Alencar matou-a
Meu marido? perguntou a moça
Diz Roza: elle assassinou-a.

Então ahi a mãe ella
De que forma o tinha achado
Quasi morto sobre o chão,
Em muito sangue banhado
O tratamento que fez-lhe
E como a tinha enganado.

Puchou um quadro mostrou-lhe
O Lino photographado,
Ella e a mãe com uma imagem
Via-se elle ajoelhado,
Com a mão direita em cima
Da cruz do crucificado.

A moça vendo este quadro
O retrato fielmente,
Ficou bastante nervosa
Quasi da-lhe um accidente
Chamou o pai e lhe disse:
Um homem assim só serpente.

Perguntou a moça ao pai,
Achas que devo casar

Com um homem traidor
Capaz de me assassinar?
Um homem que jura falso
E é mesmo que não jurar.

Quem quebra uma jura desta
Para Deus está criminoso,
Que ventura pode
Um homem falso e falso?
Eu odeio de coração
O homem que é mentiroso.

Já Lino ahi tinha gasto
Grande parte do dinheiro,
Fiado que ia casar-se
Com a filha do fazendeiro
Quiz fazer uma figura
De um distinto cavalheiro.

O commendador escreveu-lhe
Mandando-lhe declarar,
Que ao receber aquella carta
Não teria o que apellar
Porque com a filha d'elle
Não havia de se casar.

Lino recebeu a carta
Quando estava no hotel
Pensando que havia ter
Uma esposa fiel

E no praser de passar
Natal na lã de mel.

Na carta vinha o seguinte:
Snr. Lino de Alencar,
O contracto que fizemos
Não podemos efetuar
Vocês praticaram um crime
Que nos fez reprimir.

Quando Lino leu a carta
Cahio sobre uma cadeira,
Pensou logo, isto foi Roza
Que me cortou a carreira
E teve toda a razão,
De tornar-se traiçoeira.

Foi dar balanço ao dinheiro
No que já tinha tirado,
Achou cento e vinte contos
O mais tinha-se acabado,
Achou mais oitenta contos
No que já tinha comprado.

Calculou que em todo o caso
Devia se retirar,
Devido aquella noticia
Que havia de se espalhar,
E que teria por fim
O vir desmoralisar.

Mandou botar em leilão
Tudo que tinha comprado,
Apurou menos de um quarto
No capital empregado,
E esse mesmo na rua
Do bolso lhe foi roubado.

Ahi pensou que a desgraça
Tinha d'elle se apossado,
Foi para o Rio de Janeiro
Onde estava acostumado,
Chegado foi ao patrão
D'o. de foi empregado.

Esse não quiz recebê-lo
Ficou muito indignado,
Devido aquella acção negra
Que á pouco elle tinha obrado
Disendo que a mãe de Roza
Elle tinha assassinado.

Á noite estava dormindo
Sonhou que tinha embarcado
Chegava em um reino estranho
E lá era fusilado,
Sem cometer crime algum
Era preso e acusado.

Por sonho elle perguntou:
Qual o motivo da pena?

Respondeu-lhe um juiz:
Sua culpa lhe condemna
Não enganaste a Roza?
Não mataste a Magdalena?

Neste sonho viu o negro
Com que coisa tinha sonhado
Como o livro aberto em sangue,
Que já lhe tinha mostrado
Tinha uma lettra de 'ino
Que Deus lhe tinha ensegurado.

Perguntou elle ao negro:
E que dinheiro eu tomei?
Onde vi Deus algum dia?
Que objecto lhe comprei?
Foi outro necessitado,
Tal lettra eu não assignei.

Puchava o negro do bolço
Um papel muito amassado,
Estava escripto em cima
Lino de Alencar Machado,
É devedor ao Eterno
O que está mensionado.

Quinhentos contos de réis
Ganhos illicitamente
Deve o marido a uma orphã,
A vida a uma innocente

Uma fiança a Jesus
Pedida pessoalmente.

Por sonho disse elle ao negro:
Você diz que é portador,
Se dirija á quem lhe deva,
Vá d ser ao seu senho
Que esta lettra não é minha
E me erre por favor.

Elle acordou agitado
Sem saber o que fizesse,
Desava achar um ente
Que com serteza dissesse,
Porem naquelle segredo
Não havia homem que desse.

Sentou-se pôe-se a pensar
Este sonho o que daria,
Aquella lettra o que era?
E o negro o que queria?
Julgou ser um mau espirito
Que no somno o perseguia.

Depois tornou a dormir
Sonhou que Roza chegava
Fingindo sorrir com elle
Uma quantia lhe dava,
E o levava a um juiz
A sentença lhe marcava.

Acordou ás 5 horas
Sahiu comprou um jornal
Lendo deu com a partida
Do barco malla Real
Que s'guia ás 4 horas
Do Rio para Portugal.

Recebeu-se a embarcar
Como de facto embarcou,
Na viagem, foi feliz
Perigo não encontrou,
Com 10 dias de viagem
Ao seu destino chegou.

Hospedou-se em um hotel
Oonde foi bem recebido,
Porque levava uma carta
De um portuguez conhecido
Constava seu passaporte
De um homem bem procedido.

No hotel deram-lhe um quarto
Para tudo preparado,
Então vivia elle alli
Com o que tinha guardado
Depois foi no mesmo quarto
Um japonéz hospedado.

Trez mezes estiveram juntos
N'uma só mesa comiam,

Só passeavam de braços
Como dous irmãos viviam
Eram dous amigos firmes
Ambos num quarto dormiam.

As cinco horas da man'ã
Lino do quarto sahiu
Deichou a porta aberta
Que por si de pois se abriu
Julgava que estava se
Porem um gatuno viu.

Assim que Lino sahiu
Um gatuno traiçoeiro,
Abriu a porta e entrou,
Matou-lhe o companheiro
Roubou do morto e de Lino
Roupa, objectos e dinheiro.

Às seis horas da manhã
Entrou no quarto o creado
Não achou Lino na cama
E gritou logo assombrado
Achou o japonéz morto
E tudo no quarto roubado.

Como foi grande o espanto
Quando o creado gritou
Ahi o dono da casa
Afficto se levantou,

Achou o quarto innudado
Em sangue que se admirou.

Então procuraram Lino
E no quarto não se encontrou
Disia o dono da casa:
Foi o Lino que o matou
Se a adiu da adrugada
Tudo do morto . . . abou.

Participou á policia
Para faser vistoria.
O delegado achou elle
As 9 horas do dia,
Tudo affirmava ser elle
Lá foi elle á enxovia.

Toda a justiça acusava-o
Por ladrão e assassino
Elle disia : isso não,
São reveses do destino
Meu crime inda ninguem descubriu
Era o que disia Lino.

Vamos tratar sobre Rosa
Do golpe que ella soffreu
Chorava amargosamente,
Por sua mãe que perdeu
Tinha gravado na lembrança
Tudo quanto aconteceu.

Rosa dormindo sonhou
Que ia no paiz estrangeiro,
Ia em um banco real
Tirava muito dinheiro
Por meio desta quantia
Soltava um prisioneiro.

Recebeu Rosa uma carta
Que vinha de Portugal
Disendo que um tio d'ella
Morrêra na Villa Real,
E de . . . a-lhe em testamento
Uma somma colossal.

Ella embarcou, para a Europa
Levando em companhia
Uma moça já idosa
Que junto d'ella vivia,
E uma senhora viuva
Que ella muito conhecia.

Desembarcaram em Lisboa
E Rosa foi se hospedar,
No hotel em que hospedara-se
O tal Lino de Alencar
No quarto onde deu-se o crime
Foi Rosa se agasalhar.

Eram dez horas da noute
Estavam as trez deitadas,

No quarto parede e meia
Ouviram certas pisadas...
Reinava um grande silencio
Estavam as luzes apagadas.

Eram tres salteadores
Que estavam em reunião
Julgavam que estavam sós
Divido á escuridão
De muitos crimes horrendos
Fiseram revelação.

Disse um d'elles: chegou h...
Uma moça a Portugal,
Que vem tirar uma herança
Que tem em Villa Real,
Ella é herdeira unica
De um immenso capital.

Perguntou um dos ladrões:
Que se faz para rouba-la?
Respondeu outro: é fazer,
Todo o geito de explora-la,
Tomar se todo o dinheiro
No mesmo instante mata-la.

Disse o outro: necessita
De muita sagacidade
A policia desta terra
Tem enorme atividade:

Aqui para punir um crime
Não se escolhe qualidade.

Disse o outro: faz um a no
A 4 de fevereiro,
Que alli, n'aquela qu...
Hospedou-se um brasileiro
Duas semanas depois
Chegou mais outro estrangeiro.

Do... em ambos n'um quarto
E viria dia o Brasileiro,
Sah... e cerrou a porta
Eu entrei muito ligeiro
Vinha com o punhal na mão
E matei-lhe o companheiro.

Cravei-lhe uma punhalada
Em cima do coração
Elle não fez movimento
Só fez estender a mão
Foi mesmo que um passarinho,
Não fez a minima acção.

Inda depois degolei-o
Isso tudo bem ligeiro
Abri uma mala d'elle
E outra do Brasileiro,
Em todas duas achei
Grande somma de dinheiro.

Então perguntou o outro
Ninguém viu voscê entrar?
Eu roubo p'ra ninguém ver?
Nem dou tempo alguém chegar?
Quem está pagando o pato
É o Lino de Alencar.

Roubei cento e trinta contos
De Lino e do Japonez
Quatro anéis de brilhante,
Carreguei eu desta vez,
Fiz uma figura em França
Que só um banqueiro ingle

Disse outro: foi um risco
Porque se fosse encontrado?
Eu usaria das armas,
Pois vinha municiado
E se saísse com vida
Do crime estava sannado.

Alguem vendo, e eu fugindo
Quem poderia me achar?
Aqui todos me conhecem,
Por Jovencio Bacelar,
No Porto por Valentim
Quem pode me procurar?

Disse o outro: e eu aqui
Me conhecem por José,

Ná Hespanha sou Luiz
Em Barcelona Thomé,
E na provincia do minho
Me conhecem por André.

Ellas não davam sigra
Que no quarto h'ia esser gente
Tudo quanto elles visseram,
Ouviram perfeitamente
Um d'elles disse; saiamos
Que agora é conviniente.

Depois que sahiram todos
Chamou Roza uma criada,
Disse que naquelle quarto
Estava muito emcommodada,
Ella botou as no quarto
Onde ella estava deitada,

Roza dormindo sonhou
Que hia á eternidade,
Assistir uma audiencia
De grande necessidade
Pois tinha sido intimada
Em nome da Divindade.

Por sonho ella chegava
Num salão de claridade,
Viu Lino ali como um réo
A lei com formalidade,

Viu reunir-se um conselho
Com muita legalidade.

A razão era o juiz;
O remorso, accuzador,
O dever a guarda
E ajudava o motor,
Estava a prudencia sentada
No lugar de um defensor

A caridade no centro
Junto do réo o perdão
Ahi fallava o remorso,
Fasendo uma accusação
Havian tres testemunhas,
Ira interesse, e ambição.

Então disia o remorso;
O réo será condemnado,
Deus é justo, o crime é grande
Fallou-se o advogado.
Disia o dever: meu voto
Será contra o accusado.

Então disse a caridade
Deve se ter compaixão,
Disia o remorso: um desse
Merece condemnação,
Se levantava a prudencia
Apellava para o perdão,

Depois de um grande debate
Do remorso e a prudencia
Appareceram dous membros
A verdade e a paciencia
Tudo vinha contra Lino
Pedindo á Deus providecia.

Ergueu-se a razão e disse:
Eu como juiz el
Vou de encontro aos defensores
Este é quando Lusbel,
Não nelle attenuante
Deve ter pena cruel.

Roza acordou agitada,
Com o sonho na lembrança
Disse: Lino é desgraçado
Nem do céu tem esperanza.
Depois dizia a si mesma
Não quero mais tal vingança.

Todas trez dormiram pouco,
Accordaram muito cedo
Sahiu o dono da caza,
Rosa fallou-lhe em segredo,
Disse o que os ladrões disseram,
Da forma que teve medo.

Contou tudo quanto ouviu
Um dos bandidos dizer;

Ella contou a historia
Foi quando Roza veio crer,
Que Lino era innocente
Foi que elle poude saber.

O homem foi á policia
E contou dos passados
Foi com um inspector
Levando 12 soldados,
As 10 horas no al. ço
Todos trez foram peg dos.

Descobriram finalmente
Tudo que se tinha dado
A morte do Japonez,
Da forma que tinha entrado
Todos conheceram que Lino
Nada tinha praticado.

Lino estava n'esse dia
De fome muito opprimido,
Dos ferros que lhe botaram,
Já estava o corpo ferido
A fome impedia elle
De dar até um gemido.

Elle no carcere exclamava:
Oh! vida laboriosa!
Oh! desgraça sem igual!
Oh! existencia amargosa!

Só assim eu pagaria,
A traição que fiz á Roza!

Foi maldita a negra hora
Que minha mãe deu-me a luz!
Foi mesquinho meu nascimento
Não morreu por Jesus!
Foi por quem botou-me aqui
Que elle padou na cruz.

Eu neste maldita cova
Nem a vida sou senhor,
Meu peito consta de gelo
Minha vida de terror.
Antes fosse uma serpente
Ou bicho devorador.

Entre mil dores eu creio
Que termino a existencia,
Estes ferros tão pesados
Me aniquilam a paciencia
O falso que levantaram-me
Faz não crer na providencia.

Nisto chega o carcereiro
Abre a porta da prisão,
Lino perguntou a elle
Traz alguma arma na mão?
Se traz te pesso por Deus
Traspassa meu coração.

Crava este peito infeliz
Tira a vida á um desgraçado
Mata um ser sem protecção,
Descança um desesperado
Faz na esmola á um misero
Que neste foi condemnado.

O carcere o disse:
Venho o arar da prisão,
O Juiz mandou solta-lo
E manda-lhe pedir perdão.
O crime quem fez foi o tu,
Tu estás aqui sem rasão.

Lino chegou no hotel
Onde se tinha hospedado
Achou um conto de réis
Que Roza tinha deixado,
Achou uma carta d'ella
Porém com o nome mudado.

Então Lino nesse dia
Achou bôa occasião,
Vinha um barco para o Brazil
Elle achou bôa monção,
Disse eu volto á minha terra
Lá posso achar remissão.

Dias depois da chegada
Roza o foi visitar,

Disse: a elle: eu te perdôo
Nunca te pude odiar
O que passou-se esqueci
Querendo eu posso casar.

Possuo uma fortuna
Qual a maior do paiz
Deus sempre me protegeu
A sorte sempre me quiz,
Se ainda me a se aponte
O posso fazer feliz.

Então Lino resolveu-se
Visto Roza o perdoar
Disse comcigo: eu agora,
Posso a desgraça afrontar
A acção que eu fiz foi feia
Que me emporta alguém fallar?

Roza convidou amigas
Preparou grande jantar,
Fez Lino tomar dinheiro
Para poder se apromptar,
Elle convidou amigos
Para assistir elle casar.

Ella trajou-se de noiva,
Estava o padre no altar
E as testemunhas de Lino
Que o vieram acompanhar,

7002

Nos pés do padre ella disse :
— Resolvi não me casar

Fazem hoje quatro annos
Que minha mãe falleceu
Com um desgosto de subito
Que L. de Alencar lhe deu,
E casar com um homem desse?
Isto nunca faço eu!

Lino baixando a cabeça,
De repente entresticeu
Aos que o acompanharam
Apenas agradeceu
Dois ou tres dias depois
Cruelmente enloqueceu.

Na loucura elle exclamava :
— E' bem justa minha pena,
O crime ha de ser punido,
Porque Deus assim ordena!
Paguei a divida de Rosa
— a morte de Magdalena. —

FIM

LGB

afonso feliz da silva
mãe do sr. azeite

(168)

1002